

TRIBUNA Livre

5
MAIO
1962

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

É PRECISO FAZER JUSTIÇA A ESTA TERRA

Boas perspectivas

para um avião alemão a jacto?

Vai por aí a excitação própria dos grandes momentos. Não precisaríamos que verbal, por escrito ou em comissão, nos lembrassem que também temos responsabilidades. Engolamos que o Concelho tem autoridades à altura e que estas, por devido tempo, saberão resolver alheias às dificuldades e coerentes com a razão.

Vai-nos preocupando, isso sim, a demora em encarar a solução e caminhar para a concretização. É a demora em trazer a nós o benefício da mais plena e instante aspiração do Concelho.

A restauração da comarca viviu uma queixa que de há muito se vivia e sentia e com a margura se calava: o facto de só uma parte da Vila ter repartições públicas, isto em prejuízo da parte maior, mais progressiva e capaz, o que não existe nem pode existir em qualquer parte alguma do País.

Mas o caso aqui toma outro aspecto e reveste-se de outra

magnitude. As actuais instalações são insuficientes e impróprias. O prédio não tem possibilidades e o Município não tem disponibilidades, além de que há que encontrar e mobilizar as residências dos Magistrados.

Acontece, porém, que aquela parte da Vila que foi sempre algumas vezes maior, que hoje progride num ritmo como talvez nenhuma Vila do Distrito da sua categoria, apronta-se para criar as condições indispensáveis à instalação da Comarca e residências para os Magistrados.

Em qualquer outra parte não se olharia para trás, indiferente a que as instalações estivessem na rua Direita ou na Torta, no Largo de um santo ou de um vulto da Pátria. Aqui, em nome de três ou quatro estabelecimentos, contra quarenta ou cinquenta; em nome de uma Junta, contra todas as organizações e entidades legalmente constituídas, clama-

-se sempre para que não retirem de um Largo qualquer repartição, mesmo que lá não caiba. Largo que sendo pequeno tem áreas devolutas e no qual há 25 anos se não ergue um edifício.

Tem graça, porém, referir, que se acontece como aconteceu com algumas repartições e ultimamente com a G.N.R. de as levarem para o dito Largo, já se lhe não reconhece mais o direito de sair, mesmo que estejam situadas o pior possível.

Há que acabar com esta
(Continua na 3.ª página)

BOCAGE

Natural de Setúbal, Bocage era oriundo duma família francesa. O avô materno, morto com patente de Vice-Almirante, combateu os Turcos em Matapão e no Brasil. Com temperamento gaulês, o futuro poeta herdou a paixão pela marinha.

Uma vez concluídos os primeiros estudos na cidade do Sado, assentou praça como voluntário aos 14 anos, apesar da relutância do pai que era advogado.

Três anos depois pede transferência para a academia Real da Marinha, onde esteve bastante tempo. Despachado guarda Marinha, parte para o Oriente, fazendo escala pelo Rio de Janeiro.

Na Índia, não se houve co-

mo devia, levando uma vida ciosa e desregrada.

Retoma a arma de Infantaria e é colocado num regimento em Damão. Em 1789, deserta e começa então uma idosseia de judeu errante. Passou por Surrate, Goa, Macau e Cantão. Todas estas regiões, tão distantes umas das outras, foram visitadas

Continua na 4.ª página

ma francesa, o CM 191, de quatro lugares, realizou recentemente os seus primeiros vôos e será apresentado na Exposição Alemã de Aviação 1962, que se realiza em princípios de Maio em vinculação com a Feira Industrial em Hanover.

Desde que, em 1962, fundaram as Fábricas Heinkel, a firma já desenvolveu 100 tipos diferentes de aviões civis e militares. Entre essas figuravam, além dos primeiros aviões a jacto e a foguetões, o célebre He 70. — Blitz, em 1932 o mais rápido avião de transporte de passageiros que valeu à firma oito records internacionais. Depois da guerra, pouco se ouviu do célebre no-

gens obliteraram as fábricas, restando apenas uma pequena filial no Sul da Alemanha. Heinkel recomeçou produzindo motores para camiões, scooters e veículos semelhantes. A partir de 1955 começou a dedicar-se de novo à construção de aviões, construindo em Speyer à base de uma licença

(Continua na 4.ª página)

Estúdio de música

electrónica em Munique

O compositor italiano Ferruccio Busoni vaticinou no princípio do nosso século que o futuro da música teria os seus limites nos próprios instrumentos. Este prognóstico encontra a sua confirmação na música electrónica. Um dos seus representantes de maior relevo na Alemanha Ocidental, Herbert Eimert, definiu este novo género de música de «metamusical» ou seja, «de música praticada para além de todos os instrumentos tradicionais até agora conhecidos».

Num concerto electrónico não há instrumentos nem música; um compositor é ao mesmo tempo o intérprete. Senta-se diante de um quadro de comando e acciona as diferentes teclas que por seu lado liberam o material sónico realizado no laboratório pelas oscilações de uma válvula electrónica. Em

torno da sala estão colocados alto-falantes e grupos de alto-falantes que transmitem a música. Ao teclado, no qual o «engenheiro do som» determina o dinamismo, o matiz e a frequência dos tons, está ligada uma máquina que permite «ecoar» os tons. Por meio de um dispositivo especial pode-se transformar a voz humana e incluí-la nos sons electrónicos. As partituras de música electrónica são fixadas numa tira semelhante à tira de papel de uma máquina Hollerith.

Os aparelhos extremamente complicados e caros, necessários para composição e a reprodução de música electrónica, não estão evidentemente ao alcance de todo e qualquer músico. Tem de recorrer a estúdios. Além do estúdio electrónico da Rádio da Alemanha

(Continua na 5.ª página)

III Semana de Enfermagem

De norte a sul do País as enfermeiras e os enfermeiros portugueses estão a viver horas de intensa consciencialização dos problemas que afectam o exercício da sua profissão.

Os três Sindicatos do Concelho, Lisboa, Porto e Coimbra, elaboraram activamente programas desta SEMANA de se aproxima, e que cora-mente pretendem definir deveres e reclamar direitos, num clima de saudável entusiasmo e disciplina.

Os Ministérios da Saúde e Assistência, Corporações e

Estrada de Paranhos

Foi iniciada a construção da Estrada de Paranhos.

Via de grande futuro turístico ela vai servir uma das freguesias que ainda não tinham comunicação rodoviária.

Mais uma realização da Câmara, que, sem olhar a sacrifícios, prossegue na realização das realizações que se necessitam de mais premente necessidade. Na sua totalidade esta estrada, orçada em 1.430.000\$00, sendo esta a primeira faze.

Previdência Social e Ultramar, dão o seu alto patrocínio a esta importante tomada de consciência duma classe que, pela sua importante missão social e comprovada abnegação, se tem imposto à simpatia das populações.

Como o seu nome indica esta é, no Continente português,
(Continua na 4.ª página)

TAL E QUAL AS COISAS SÃO

Há cerca de um ano, nestas colunas, foi referido largamente que se avizinhava a restauração da comarca de Amares e, por isso, era preciso cuidar da construção de um edifício para a sua instalação. Gerou-se um movimento de simpatia em volta da ideia, que em parte nenhuma encontrou oposição, e, daí, surgiu um terreno gratuito para a Câmara e várias ofertas que rondam o meio milhar de contos.

Veio a comarca, como era nossa previsão; são vários os terrenos gratuitos que o Município tem à sua disposição, postos pela mesma Comissão, e está de pé a oferta do dinheiro suficiente para enfren-

tar a comparticipação do Estado. Também agora lemos que é posto à ordem um terreno no Largo de D. Gualdim Pais, como soubemos que o presidente da Junta de Lago, perante a avalanche falou a quem de direito que também põe à disposição das autoridades o terreno suficiente...

Como se vê acima se o problema de urgência fôsse o novo edifício, nem dinheiro faltaria. Mas não está aí a urgência. Essa está em arranjar umas instalações para funcionamento imediato e casas para os Magistrados. Isso é que é preciso arranjar depressa para depois fazer o resto.

TRIBUNA AGRÍCOLA

Agenda do Lavrador

Não mantenha no aviário aves inferiorizadas ao de baixa postura

Embora muitos avicultores disso se não apercebiam, uma das causas que mais afecta a economia das suas explorações avícolas é a existência de aves fisicamente inferiorizadas ou de baixa postura.

Alguns avicultores, por razões sentimentais, evitam eliminar não só os pintos inferiorizados mas até os declaradamente doentes, chegando ao ponto de tratá-los com panos quentes; outros, apesar de se lamentarem que as suas galinhas põem pouco, não se dão ao trabalho de averiguar quais as que não põem e, quando se lhes pergunta porque não o fazem declaram «que estão à espera que ponham» o que, para seu mal, muitas jamais farão.

Atitudes desta natureza depauperam-se, infelizmente, na maioria dos aviários, até mesmo alguns já mais racionalmente explorados. Ora, aves doentes, inferiorizadas ou que não ponham, sem averiguação prévia da causa ou causas que as levaram a este estado, só deverá realizar-se quando se trate de casos isolados, isto é, de poucos animais em relação ao efectivo. Quando o número de aves nessas condições for elevado já assim se não pode proceder dado o prejuízo económico que daí adviria. Neste caso, deve-se procurar saber o motivo e tentar salvar as aves, caso seja possível. É que, muitas vezes, são as más condições ambientais, sobretudo as de alojamento e alimentação, as causadoras do aparecimento de aves doentes ou improdutivas, e, portanto, uma vez melhoradas, os animais ainda podem recuperar o estado de saúde normal e, consequentemente, a sua actividade produtiva.

Eliminando estas aves obtêm-se três vantagens principais: economia da ração, evita-se a difusão de doenças e, conseguem-se aves de tamanho mais uniforme. Efectivamente, as aves que apresentam um crescimento lento em relação às restantes da ninhada, seja qual for o motivo, são incapazes de utilizar eficazmente os alimentos e, portanto, quanto mais tempo se conservarem, maior será o prejuízo. Além disso, as aves nestas condições, muitas vezes, portadoras de graves doenças que transmitem a todo o efectivo. Por último, eliminando as aves inferiorizadas obtêm-se lotes de aves mais uniformes o que é vantajoso quando se destinem à produção de carne.

Mas como identificar estas aves? Tarefa mais fácil para os avicultores experientes, mais difícil para os principiantes. São inúmeros os sintomas das variadas doenças e outras causas que podem atacar a saúde e a produção das aves. Para os avicultores bastará que tenham estas noções fundamentais: pintos sonolentos e que tendem a aglomerar-se, se não tiverem frio, estão doentes. O mesmo acontece quando apresentem as asas caídas ou penas sem brilho, pupilas cinzentas e irregulares, diarreias, tamanho muito inferior aos animais do lote. Sempre que,

numa ninhada, alguns se apresentem mal emplumados, das seis às oito semanas de idade, devem igualmente ser eliminados, procurando averiguar-se a causa, pois que tanto pode ser de origem hereditária, como excesso de animais ou uma alimentação deficiente. As frangas com a quilha torcida, ou corpo muito estreito, ou, ainda, de tamanho muito inferior em relação ao padrão da sua raça, não devem ser guardadas para reprodutoras, mas sim abatidas para consumo logo que alcancem o tamanho conveniente. Quanto às galinhas poedeiras, o melhor meio para averiguar se põem ou não, será utilizar ninhos-armadilha, mas na ausência destes, a observação de aves com crista murcha, anemiada e esbranquiçada, e ainda que apresentem um espaço muito estreito entre os ossos púbicos, não cabendo nele mais do que dois dedos, constituem fortes indicadores de que não estão em postura.

Para terminar, esclarece-se que, a eliminação de animais doentes, inferiorizados ou que não ponham, sem averiguação prévia da causa ou causas que as levaram a este estado, só deverá realizar-se quando se trate de casos isolados, isto é, de poucos animais em relação ao efectivo. Quando o número de aves nessas condições for elevado já assim se não pode proceder dado o prejuízo económico que daí adviria. Neste caso, deve-se procurar saber o motivo e tentar salvar as aves, caso seja possível. É que, muitas vezes, são as más condições ambientais, sobretudo as de alojamento e alimentação, as causadoras do aparecimento de aves doentes ou improdutivas, e, portanto, uma vez melhoradas, os animais ainda podem recuperar o estado de saúde normal e, consequentemente, a sua actividade produtiva.

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Estrangeiro	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

Conselhos práticos

Aos avicultores

As leucoses aviárias constituem um grupo de doenças incuráveis que atacam os galináceos a partir dos 2 meses de idade, em geral.

Os seus sintomas confundem-se com os de outras doenças, no entanto, sempre que observe aves com as asas caídas, ou coxeando, ou com sintomas de cegueira, suspeite destas doenças. Isole imediatamente estas aves e não aproveite os seus ovos para incubação.

* * *

A alimentação dos pintos, durante os primeiros dias de vida, deve merecer uma atenção especial.

A ração não deverá ser demasiadamente farinada pois que, caso contrário, adere aos cantos da boca e os animais, não podendo ingeri-la, morrem em elevada percentagem.

Aos bovinicultores

As vacas leiteiras recém-adquiridas não devem ser introduzidas no estábulo onde se encontrem outros animais, sem prévia garantia quanto ao seu estado de saúde.

Para obter esta garantia devem os proprietários comunicar à Intendência de Pecuária da sua área a nova aquisição, alojando, em local à parte, os animais recentemente adquiridos, até serem inspecionados pelas Brigadas de Saneamento dos Serviços competentes.

* * *

O deficiente arejamento numa vacaria é uma das causas que mais concorre para o mau estado sanitário dos animais que o habitam e, consequentemente, para quebras da sua produção leiteira.

Adoptando o sistema da «estabulação livre» resolve imediatamente o problema de arejamento.

Aos cunicultores

Variadas são as doenças que podem atacar os coelhos. Uma das mais frequentes é a Coccidiose.

Sempre que os animais se apresentem com o abdómen muito inchado, magros e sem apetite, pense que pode tratar-se desta grave doença e não aplique mészinas: procure aplicar o tratamento apropriado.

* * *

Da qualidade dos reprodutores depende, em grande parte, o bom ou mau sucesso dum exploração de coelhos.

Através da sua descendência, verifique quais são os bons reprodutores e elimine imediatamente os de inferior qualidade.

Em defesa da economia e da saúde pública da Península Ibérica

Ao abrigo do Acordo de Sanidade Luso-Espanhol acaba de realizar-se mais uma reunião entre as autoridades veterinárias espanholas e portuguesas tendo em vista a salvaguarda do património pecuário dos respectivos países ou seja, dumha parcela de relevante importância na economia agrícola da Península Ibérica. Mas, para além da intenção económica que preside a este diálogo há que destacar o seu alcance no domínio da saúde pública. Com efeito, o nível sanitário dos povos está grandemente dependente do

Aos vaqueiros

O leite deve ser arrefecido logo após a ordenha. Salienta-se que o frio não melhora a qualidade do leite. Quere dizer, após o arrefecimento, um leite que era bom continua a sê-lo, e um que era mau continua a ser mau; mas sem arrefecimento, um leite bom transforma-se em mau, e um mau em pior.

Portanto, arrefeça o leite, mas procure produzir leite limpo e são.

* * *

A higiene na recolha do leite, é uma condição indispensável à produção de leite de boa qualidade.

Os animais, o estábulo, o vaqueiro, as vasilhas e os outros utensílios, devem manter-se sempre cuidadosamente limpos.

Aos criadores em geral

O gado bovino leiteiro é um ramo da pecuária cuja exploração é de considerar sobretudo nas médias e grandes explorações agrícolas. Com efeito, estes animais, além de aproveitarem forragens de cultivo económico, possuem uma capacidade para transformar os produtos e subprodutos agrícolas, em alimentos para o homem, que excede a de qualquer outra espécie.

* * *

Longe vai o tempo em que o criador não precisava fazer as contas da sua exploração pecuária. Hoje, tudo mudou, podendo até dizer-se que, sem uma contabilidade cuidada, qualquer empreendimento pecuário será uma aventura.

Pode saber, no momento desejado, se a manutenção deste ou daquele animal, desta ou daquela espécie, é ou não anti-económica, constitui uma necessidade imposta pelas circunstâncias ao criador dos nossos dias.

Faça, pois, as contas da sua exploração pecuária.

nível sanitário dos gados os servem. Animais doentes constituem, muitas vezes, os disseminadores de doenças mais ou menos graves à espécie humana, quer directamente, quer através dos produtos e subprodutos que recebem.

Espanha e Portugal, estavelmente ligados por laços geográficos, étnicos, culturais, históricos e espirituais, sentam hoje em torno duma mesma mesa, não para traçar drias de Tordesilhas, mas para conjugar os seus esforços no sentido de defender valores que, vistos no seu conjunto, constituem património da Península que outrora rega com o seu sangue em contra inimigos comuns, e que hoje vivem prosseguindo o cumprimento da sua missão histórica que tantos dos deu ao mundo.

Nesta hora crucial no luir da humanidade, Espanha e Portugal, gigantes que vassaram oceanos e rasgaram a face de continentes, são imorredouros testemunhos da sua acção civilizadora, sobre si a grave responsabilidade de procurar conservar intacta a singular grandeza do passado monumental que os seus antepassados heróicos te souberam construir e fiantes lhes legaram. Junto a lado, a resultante dos seus esforços será mais para cumprir a missão histórica comum.

Para cumprir essa missão é indispensável saúde física e moral. Saúde das gentes e saúde dos gados, já que as duas são interdependentes.

Ao traçarem as medidas para a defesa dos seus gados os representantes de Portugal e Espanha estão, embora rectamente, estabelecendo as primeiras linhas de defesa para a salvaguarda do bem de qualquer povo da Península.

Não esqueça que

—A Febre de Malta é transmissível à espécie humana.

—Antes da ordenha, lavar o útero com água quente, enxugando-o imediatamente com um pano limpo e seco;

—Nos dois meses anteriores à tosquia deve evitar que os animais transitem e pernoitem em locais com muito pó, lama, ou com areia; e

—O material utilizado na tosquia deve ser bem lavado e desinfectado.

Visado pela Censura

TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO

EDITAL

CAIRES

**** Meus caros amigos presentes e ausentes ****

Escrevo-vos no dia de São José Operário. Há anos que a Igreja resolveu dedicar um dia de festa a São José, considerado especialmente como trabalhador. Um dos objectivos desta resolução é, naturalmente mostrar ao mundo gozador e comodista que os santos também trabalham, mesmo em trabalhos servis. Todos nós conhecemos a sede geral de ganhar dinheiro sem trabalhar e de gozar sem pagar os respectivos encargos. Muita gente pensa que só trabalha quem ganha o pão com esforço físico e suor. Para estes, os advogados, os médicos os padres... não trabalham! Vivem na boa vida, comem bem bebem melhor, andam bem vestidos, nada lhes falta! Mesmo os santos passaram a vida a rezar, a fazer milagres... enfim: nasceram santos! São entidades superiores, não conhecem e não sofreram as nossas misérias.

Assim pensa a maior parte da humanidade. E quando os santos lhes não fazem os milagres que pedem vão às feitiçarias, ainda que estas sejam pessoas de mau porte... Isto que vemos diariamente mostra a ignorância religiosa a falta de cultura, e, vá lá, também a estupidez de tantos filhos de Adão.

Não tendes vós reparado em tantos carros pesados e ligeiros, como trazem uma ferradura na frente, ou na traseira? Será que o proprietário, condutor ou passageiros usem desse calçado? Ou pederá a ferradura defender o veículo contra possíveis desastres?!

São José era operário, carpinteiro. Dizem alguns que que também exercia a profissão de ferreiro. De facto conheci e conheço vários carpinteiros que usam também a arte de trabalhar o ferro, quando as circunstâncias o exigem. Não admira pois que São José exercesse as duas artes simultaneamente. Consta haver ainda, nos primeiros séculos do cristianismo, arados, jugos e vários outros objectos fabricados por ele; e, certamente, também por Jesus Cristo... Por estes — exemplos podem os ferreiros, os carpinteiros, e todos quantos mourejam ao sol e à chuva convencer-se de que os trabalhos servis não desonram ninguém e são perfeitamente compatíveis com a santidade mais eminente. São José possuía uma cultura religiosa tão elevada como a sua grande santidade. Empregava sempre bem o tempo. Os operários do nosso tempo, se quisessem,

podiam cultivar as verdades da fé, tanto ou mais que São José. Uma coisa bastaria para isso: a boa-vontade. Muito pode quem quer. Há santos em todos os estados e profissões. Assim: S. Isidro era lavrador. Santa Isabel de Portugal era rainha, S. Sebastião era militar, S. Lucas era médico e Santa Zita era criada de servir.

Não há santos preguiçosos. Todos crucificaram a sua própria carne com os vícios e concupiscências, no trabalho, no estado, no apostolado e na penitência. Não há santos revolucionários, marxistas, socialistas ou comunistas, a perturbar a ordem pública. Sabem dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. Por isso trabalharam e trabalham com lealdade e amor. Obedeceram e obedecem aos superiores, porque sabem que toda a autoridade vem de Deus. Quando perseguidos, sofrem com paciência os maus tratos e as calúnias e defendem-se com a verdade. Dão exemplo de respeito pelos deveres familiares e cívicos, bem como pelos deveres religiosos. Sabem ser livres e respeitar a liberdade alheia. Não querem impor-se, a mandar, e preferem obedecer. Não caluniam nem ameaçam. Se todos nós quiséssemos imitar a São José operário, não haveria desordens, nem panfletos revolucionários, nem lutos académicos, nem pasquins, postais ou cartas anónimos, nem adultérios, nem roubos. Haveria o bom entendimento e a paz nas famílias e na sociedade, religiosa e civil.

Que São José converta todos os homens, são os votos mais ardentes do vosso: J. Moreira.

É preciso fazer justiça a esta terra

Continuação da 1.ª página

maneira de proceder que a ninguém fica bem e não prestigia quem quer que seja que a defenda. As Leis dita-as o Governo e só a elas cumpre estabelecer doutrina ou criar direitos, devendo deixar-se de prejudicar o próprio concelho com arbitrios a que não assiste qualquer razão natural ou disposição em vigor.

Se alguma vez tem de pontificar o sentimentalismo, a lei-coração, seja agora, mas então para tornar imediata a instalação da Comarca onde é justo. Justo porque é a parte mais representativa social e politicamente, maior em comér-

Alfredo Teixeira da Costa Pereira, Engenheiro-Chefe da 1.ª Circunscrição Industrial, faz saber que:

ARTUR DA CUNHA CRUZ requereu licença para instalar uma oficina de serralharia civil com soldaduras eléctrica e autogénea, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação, emanações nocivas, radiações luminosas, perigo de explosão e de incêndio, no Lugar de Barrio, freguesia de Ferreiros, concelho de Amares, distrito de Braga, confrontando ao Norte com Adolfo da Purificação Dias, ao Sul com Maurício de Macedo e Outros, ao Nascente com Augusto Ferreira Arantes e Outros e ao Poente com Ribeiro d'água.

AMANDIO JOSÉ DA SILVA requereu licença para instalar um lugar de azeite, incluído na 2.ª classe, com os inconvenientes de cheiro, perigo de incêndio e inquinação das águas, no Lugar do Enchido, freguesia de Bouro (S.ta Maria), concelho de Amares, distrito de Braga, confrontando ao Norte com Amadeu Balugães, ao Sul com Estrada Camarária, a Nascente com Candido da Silva Afonso e ao Poente com a Estrada Nacional

Nos termos do Regulamento das Industrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias a contar da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito contra a concessão das licenças requeridas e examinar os respectivos processos n.ºs 24 547 e 24 640, nesta Circunscrição Industrial, com sede no Porto, Rua dos Bragas, n.º 61.

Porto e Secretaria da 1.ª Circunscrição Industrial, em 23 de Abril de 1962.

O Engenheiro-Chefe
Alfredo Teixeira da Costa Pereira

Novos Mordomos da Cruz

No passado domingo foi a cerimónia tocante e significativa da entrega das Cruzes (ainda enfeitadas), como uma nova Páscoa, aos novos mordomos que vão fazer a festa no ano de 1963, e que são os Senhores António da Costa do lugar de Soutelo, e Luiz Arantes da Silva do lugar do Requeixo. No acto que esteve bastante concorrido, foram dadas as Cruzes a beijar a uma enorme multidão, enquanto os sinos tocavam festivamente e subiam ao ar foguetes e girandolas. É que felizmente todos gostam de servir o Senhor, porque Nosso Senhor paga bem a quem o Serve. Cada mordomo manda enfeitar a sua Cruz e a música já fica contratada de um ano para o outro com o auxílio de todos e de toda a freguesia que considera a

Salvé 4-5-62

Passou ontem, dia 4 do corrente, o seu aniversário natalício a menina Maria de Fátima da Mota Almeida.

Por tão faustosa data suas amigas, assim como a sua família, desejam-lhe muitas felicidades e que esta se prolongue por muitos anos na companhia de seus pais.

Título de Depósito a Prazo extraviado

Tendo-se extraviado o título representativo do depósito a prazo n.º 51.507, de Esc. 30.000\$00, em nome de Félix Martins Tinoco ou Severino da Silva Tinoco, convidam-se por este único meio todos os interessados incertos que possam julgar-se com direito ao referido depósito, a vir, no prazo de OITO DIAS, a contar da data da publicação deste anúncio, apresentar as suas reclamações no Banco Pinto & Sotto Mayor, em Braga, Praça da República.

ANIVERSÁRIO

Passa na próxima quinta-feira, dia 10 o seu aniversário natalício o Snr. Eduardo da Costa Fernandes, empregado desta Tipografia.

Por tão faustosa data seus colegas de trabalho, assim como a sua família, desejam-lhe muitas felicidades e que esta se repita por longos anos.

festa da Páscoa, a melhor e a maior festa da freguesia.

Parabéns ao antigo e aos novos mordomos.

Casamento

Na passada quinta-feira dia 3, realizou, com toda a solenidade, no Templo de Nossa Senhora do Sameiro, o casamento do Senhor Jaime Diocleciano Gonçalves de Paredes Secas com a gentil e prendada menina Alcina de Jesus Antunes, do lugar do Sobrado, desta freguesia de Caires.

Presidiu ao acto o pároco da noiva P.º Calisto Vieira e após o banquete nupcial que muito bem serviu a «Marisqueira de Braga», foram saudados os noivos com amistosos brindes, que pelas suas óptimas qualidades lhes apetece um futuro esperançoso e feliz.

Também no passado domingo celebrou na Igreja Matriz de Caires, o seu auspicioso enlace matrimonial o senhor José Maria da Rocha Almeida de Ferreiros-Amares, ausente no Brasil, aqui representado pelo seu bastante procurador Adelino Pereira, com a também gentil menina Emília Maria Pereira, do lugar do Freixeiro, que dentro em breve irá para o seu marido, no Rio de Janeiro.

Aniversários natalícios

Na passada quarta-feira dia 2, celebrou intimamente mas festivamente o seu aniversário natalício, o nosso brioso e competente funcionário dos Correios e C. T. T. da nossa Terra Manuel José da Costa. No dia 3 o P.º Avelino Afonso Barreiro e P.º Joaquim José Leite de Araújo. Dia 4 o senhor Joaquim de Araújo, da Hica e M.ª José de Almeida — e hoje dia 5 (Sábado) o nosso velho e condiscipulo José João da Silva Ramôa dos Registos de Automóveis do Porto, natural da nossa sempre Vila de Amares e os anos (81 anos) do nosso amantíssimo Prelado e Venerando Arcebispo Primaz de Braga, D. António Bento Martins Júnior. Que Nosso Senhor nos deu — e no-lo conserve. Amem.

GATO que DESAPARECE

Desapareceu da casa do Snr. Avelino Peixoto, da freguesia de Palmeira, Lugar de Moinhos, uma junta de vacas, ignorando-se o seu paradeiro.

Agradece-se a quem as tem detidas o favor de comunicar na redacção deste jornal, ou pelo telefone 62113, Amares.

Plano de Formação Social e Corporativa

JUNTA DA ACÇÃO SOCIAL

REGULAMENTO

DO

I CONCURSO DE TEMAS SOCIAIS E CORPORATIVOS

Art. 1.º — É aberto pelo prazo de sessenta dias, a contar de 1 de Maio de 1962, o I Concurso de Temas Sociais e Corporativos que se destina a difundir e fortalecer o espírito corporativo e a consciência dos deveres de cooperação social.

Art. 2.º — O Concurso é organizado pela Comissão Distrital de Braga da Junta da Acção Social e consiste na apresentação de trabalhos escritos, versando temas sociais ou corporativos.

Art. 3.º — Os trabalhos apresentados serão apreciados e classificados por um júri, constituído pelo Presidente da Comissão Distrital e pelos Srs. Rev.º Prof. Dr. Cassiano Abranches, S. J., catedrático da Faculdade Pontifícia de Filosofia de Braga; Rev.º Cônego António Luís Vaz, Director do «Diário do Minho»; Dr. Sérgio da Silva Pinó, Director do «Correio do Minho»; e Rev.º Dr. António de Castro Xavier Monteiro, professor do Seminário Conciliar de Braga.

Art. 4.º — Na classificação dos trabalhos, o júri atenderá à sua originalidade, ao mérito com que o tema for tratado e ao valor literário, não estabelecendo qualquer distinção entre trabalhos de ordem social e corporativa.

Art. 5.º — Os trabalhos deverão ser apresentados em triplicado e dactilografados a dois espaços, em papel de máquina, não podendo exceder o

limite de seis folhas, com o verso em branco.

Art. 6.º — Cada concorrente juntará um sobrescrito fechado, no interior do qual indicará a sua identidade, e, no exterior, o pseudónimo escolhido.

Art. 7.º — Podem concorrer todos os indivíduos, sem distinção, apresentando um ou mais trabalhos com pseudónimos diferentes.

Art. 8.º — Os trabalhos serão entregues com o respectivo sobrescrito, na sede da Comissão Distrital de Braga da Junta da Acção Social — Delegado do I. N. T. P. em Braga — durante o prazo referido no artigo 1.º e dentro das horas normais de expediente.

Art. 9.º — Os prémios são os seguintes:

1.º	1.500\$00
2.º	1.000\$00
3.º	500\$00
4.º	250\$00

Art. 10.º — O Júri reserva-se o direito de não atribuir os prémios desde que os trabalhos apresentados não reúnem o necessário mérito.

Art. 11.º — O Júri poderá atribuir a todos os concorrentes não classificados, livros e menções honrosas.

Art. 12.º — A Comissão Distrital reserva-se o direito de publicar os trabalhos apresentados.

Art. 13.º — Das deliberações do Júri não cabe recurso e as dúvidas na execução do presente Regulamento serão definitivamente resolvidas pelo mesmo Júri.

Boas perspectivas para um avião alemão a jacto?

(Continuação da 1.ª página)

francesa, um avião a jacto de treino. Três anos mais tarde, faleceu o célebre construtor, aos setenta anos. As empresas do grupo Keinkel contam hoje de novo 4.000 operários e empregados.

Segundo opinam os peritos o modelo He 211, cujo construtor trabalhou no desenvolvimento do célebre Heinkel-Blitz e, forçadamente, depois da Segunda Guerra Mundial na construção do caça soviético MIG, tem boas probabilidades na competição internacional no sector dos aviões menores. Este avião a jacto destina-se ao transporte de, ao máximo, 24 passageiros, sendo provavelmente o avião ideal para pequenos trajectos. Tanto o Ministério Federal da Economia com os peritos da Deutsche Lufthansa designaram o modelo de «digno de fomento».

Com dois elementos de impulsão a jacto no extremo da fuselagem, o avião pode transportar passageiros ou carga ou servir de avião misto. Requer apenas para levantar voo e aterrar uma pista de relva ou gramado de 650 metros. A 8.000 m de altura atinge uma velocidade útil de quase 900 km/h. O raio de acção é de quase 2.000 km. O custo directo por passageiro/km é extremamente baixo. Num trajecto médio não excede 0,05 DM. Mesmo em trajectos curtos o limite de rentabilidade situa-se à volta de 60%. O avião pode manobrar com um só motor.

Designado de «avião civil mais moderno da sua categoria», o He 211 deve prestar bons serviços tanto nas carreiras civis como também na modalidade de avião fretado para grandes empresas industriais e entidades oficiais.

BOCAGE

Continuação da 1.ª página

rapidamente. Bocage chegava a Lisboa repatriado por um comerciante português, seu admirador.

Pode então, compor o seguinte soneto:

Camões, grande Camões! quão semelhante.
Acho o teu fado ao meu, quando os cotejo!
Igual causa nos fez, perdendo o Tejo,
Arrastou com o sacrifício gigante.

X X X

Modelo meu és tu... Mas ah tristezal...
Se te imito nos transe da ventura,
Não te imito nos dons da natureza!

Não durou muito tempo o seu sossêgo. O boémio ia merecendo as suspeições da polícia.

O Intendente Pina Manique, que o defendia, retirou-lhe a protecção. Levantam-se suspeitas de convivência com livreiros frandulentas. Por esse motivo é encerrado em 1797 na prisão do Limoeiro. A sentença não foi cruel. Bocage teve de ir meditar nas verdades eternas, primeiro para S. Bento e depois para as Necessidades. O poeta auxiliado pelos oratorianos, seus carcereiros, fez traduções donde auferiu bons lucros.

Recuperada a liberdade em 1798 teve ainda forças para se debater com os adversários.

No «Botequim das Parras» era considerado um oráculo. Denunciado como maçã em 1802, escapa às garras da justiça, mas vem a morrer três anos depois da rutura dum aneurismo. Sem ter sido um sordido, protagonista de cenas licenciosas, como a lenda alimentada na alma popular por uma crítica injusta e desonesta e supõe, Bocage foi perdulário esbanjador de um talento que leva vantagem ao da maior parte dos nossos melhores poetas. A sua lira, apaixonada até ao arrebatamento, vilera dum individualismo romantico muito característico. Cultivou todas as espécies do genero lirico. Onde, porém, o seu estro mais se evidencia é no soneto. Bocage é, na veemência do sentimento e no brilho e perfeição da forma, o melhor sonetista português.

Manuel Maria Barbosa de Bocage, o seu verdadeiro nome, está também na galeria dos homens celebres que atravessaram a terra desde 1765 a 1805 para levantar a fama de génio literário português.

Elisio Gonçalves

TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga
no Quiosque Central
Largo do Barão de São
Martinho

Auxiliai os Bombeiros
V. de Amares

A III Semana de Enfermagem

(Continuação da 1.ª página)

guês, a 3.ª grande reunião de todos os enfermeiros: a primeira, há cerca de dez anos, circunscreveu-se a cerimónias religiosas em homenagem ao patrono da classe, S. João Deus; a segunda, em 1961, caracterizou-se por debates de grande vivacidade no decorrer dos quais foram apresentados importantes comunicações; esta, provavelmente, a mais estruturada, visa encontrar as bases para o estatuto de enfermagem e estruturar a classe de forma a satisfazer as justas aspirações dos seus elementos e torná-la atraente e compensadora para a juventude que, há muito, a vem abandonando, com grave prejuízo para os Serviços de Saúde.

As sessões de estudo desta «III SEMANA DE ENFERMAGEM» decorrerão no Salão do Teatro do Secretariado Nacional de Informação e para elas estão já inscritos cerca de 450 profissionais. Simultaneamente estará pa-

2.ª Publicação

TRIBUNA LIVRE 5-5-1962



TRIBUNAL JUDICIAL DE VILA VERDE ANÚNCIO

Pelo Juízo de Direito desta comarca, Primeira Secção, correm ÉDITOS DE TRINTA DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando o réu MANUEL JOSÉ DE BARROS, casado, lavrador, residente em parte incerta dos Estados Unidos do Brasil, com última residência conhecida na freguesia de Codeceda, desta comarca, para no prazo de DEZ DIAS, posteriores aos dos éditos, contestar a acção sumária que lhe move e a sua esposa a autora Arminda Aute da Costa Lobo Maia, viúva, doméstica, do lugar de Quintela, freguesia de Coucieiro, desta comarca, em que esta pede que os réus sejam condenados a reconhecer o seu domínio sobre os prédios Mato de Muradilha, no sítio de «Coto de Muradilha», inscrito na matriz sob o artigo 1.086 e Sorte de Fichela ou de Arnaços, no sítio de «Fichela», inscrito na matriz sob o artigo 775, ambos na freguesia de Valões, adquiridos por prescrição, bem como condenados nas custas.

Vila Verde, 4 de Abril de 1962

O Juiz de Direito,

a) — Manuel Augusto Gama
Prazeres

O Chefe da Secção,

a) — Manuel Augusto Monteiro
da Silva

tente ao público a «1.ª Exposição Nacional de Enfermagem», de carácter histórico-bibliográfico e instrumental nas salas de exposição da ma «C. Santos» que, por efeito, gentilmente as disposições dos mentores ta complexa e tão oportuna iniciativa.

Programa Geral

Dia 7 de Maio (Segunda-feira) — Das 15 às 20 horas — Recepção dos Semanários — distribuição de pastas e tintivos na secretaria da mana.

22 horas — Sessão inaugural da Semana presidida Sua Excelência o Senhor Ministro das Corporações e vidência Social.

Dia 8 de Maio (Terça-feira) — 9 horas — Visitas de tudo a Dispensários Mater Infantis da Santa Casa Misericórdia de Lisboa. Concentração na Praça dos tauradores junto ao S.N.I. 14,30 horas — Início das Sessões de Estudo na sala S.N.I.

19 horas — Passeio Turístico.

Dia 9 de Maio (Quarta-feira) — 9 horas — Concentração junto ao S.N.I. para visita a um Serviço Hospitalar. 14,30 horas — Continuação das Sessões de Estudo S.N.I.

18,30 horas — Recepção Estufa Fria.

Dia 10 de Maio (Quinta-feira) — 9 horas — Visita Instituto Português de Ologia e Escola Técnica de fermeiras.

14,30 horas — Continuação das Sessões de Estudo.

21,30 horas — Espectáculo. **Dia 11 de Maio** (Sexta-feira) — 9 horas — Visita Estudo à Junta da Acção Social.

14,30 horas — Continuação das Sessões de Estudo.

Noite — Livre.

Dia 12 de Maio (Sábado) — 9 horas — Concentração do S.N.I. para visita Casa de Repouso da Enfermagem Portuguesa, com recepção.

15 horas — Demonstração Socorros Urgentes em de sinistro grave, pela Vermelha Portuguesa.

22 horas — Sessão de encerramento presidida por Sua Excelência o Senhor Ministro da Saúde e Assistência com uma conferência presidida pela Enf.ª Mello Col. Leitura das conclusões da Semana.

Dia 13 de Maio (Domingo) — 9,30 horas — Partida para Colares com passagem Estoril, Cascais, Guimarães, etc.

13 horas — Almoço de fraternização, em Colares. 16 horas — Regresso a boa.

Visado pela Censura

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

S. Paio de Seramil

por afronta cometida) e iam tapar a Portela de Homem quando os chamavam, davam vida ao mordomo do Rei tres vezes no ano e pagava lutuosa ao Rei aquele que morria sem Senhor (sem Sacramentos).

Nas Inquirições de 1220, **Cenamir** está entre S. Mateus de Balbom e S. Salvador de Baldeu; nas de 1258 entre S. Tiago de Vilela e Santa Marinha de Chorense.

* * *

A umas boas centenas de anos de distância, quer das Inquirições dos **Afonsinhos** quer das inquirições do Tombo, muitos dos lugares identificam-se hoje pelos seus mesmos nomes, que atravessaram as gerações e sofreram bem ligeira corrupção.

O que de mais usado mais evoluiu foi o nome da freguesia — **Cenamir**. Piel e outros autores emitem opiniões sobre este topónimo, umas mais outras menos acertadas, mas é geralmente aceite que provém do genitivo de **Cenamirus**, indicativo da posse de um primeiro indivíduo que aqui estabeleceu a sua «casa de campo» **villa Cenamiri**, como **Belmirus**, deu **Belmir**, etc. Tudo indica que o seu primeiro assento foi no lugar de Seramil donde a vida se derramou pelos restantes lugares e se multifalçou através dos servos da gleba e da família rural em seus fundos princípios. Foi esta, de modo geral, a verdadeira origem de todas as paróquias que já contam uma história muito mais que milenária.

«Casa de campo de Cenamiro», nome pessoal de sabor gótico; depois organizaram-se outros **casais** e transformaram-se cada vez em maior número de **herdades** à medida que se transmitiu de pais a filhos a posse da terra e o trabalho sobre ela exercido com insistência foi sendo o principal documento e garantia do seu domínio.

Assim é que pode garantir-se a existência por aqui de ininterruptas dinastias de famílias obreiras da terra, mas que ao resto do imenso mundo valiam ao mesmo tempo, e pela emigração, o contributo valioso do seu sangue e braço forte na estruturação de novos povoados, vilas e cidades as mais longínquas — a odisseia humana.

Outro topónimo, sobre que alguns autores têm feito questão, é o **Orijal**, **Orjal** ou **Urjal**, atribuindo a sua origem a **orja** que significa cevada.

Citado, porém, na sua forma do livro do Tombo, deixa ver claramente a sua origem — **Ogial**. Sendo o lugar mais alto e ao norte, serve aí constantemente de ponto de orientação. Lugar povoado de **ogias** — ave semelhante ao francelho — está perfeitamente de acordo com a denominação que tomou o seu vizinho lugar da **Corujeira** que melhor e indubitavelmente denuncia a qualidade das anes que por aí se acoitavam outrora nos montes sobranceiros, entre os matagais de gietas e os tojais intonsos.

Outeiro de Vila — a sua forma topográfica obriga a esta designação. Tem a forma perfeita de uma colina, visto do seu sopé. Aumentou-se-lhe o de **villa**, da casa de campo que coroa este outeiro desde mui recuados tempos. A velha atafona, de paredes quadrangulares e pardacentas, imprime-lhe a fisionomia e sugere o quadro de

(Continua no próximo número)

Raça Maldita

Em mil seiscentos e quarenta, nós,
Portugueses de São Mamede e Ourique,
Fartos do cativo vil e atroz
Que nos impunha um intruso Filipe,

Varremos dos palácios e castelos
A reles camarilha d' opressores,
Dando á morte Miguel de Vasconcelos
Incontestável chefe de traidores.

Agora como então a descendência
Dessa raça maldita, com prudência
De serpe venenosa, anda entre a gente...

Patriotas d'agora, ó meus irmãos,
Que a nossa Fé de lusos e cristãos
Corte cerce a cabeça da serpente.

UERBA

Estúdio de música electrónica em Munique

(Continuação da 1.ª página)

Ocidental em Colónia, inaugurou-se recentemente um novo estúdio de música electrónica em Munique. Este estúdio dispõe de tais instalações técnicas que não é exagero designá-lo de instituto mais moderno do género na Europa. Teve intervenção decisiva no planeamento e na estruturação deste estúdio o jovem compositor Josef Anton Riedl. Em colaboração com artistas e técnicos criaram-se todas as condições necessárias a um estúdio experimental.

Riedl especializou-se na chamada «música concreta» e na música electrónica no estúdio da Rádio Francesa. Desde há seis anos dedica-se à composição de música electrónica. Em 1959 foi distinguido com o Prémio de Música da Cidade de Munique. Riedl foi um dos primeiros a reconhecer que as possibilidades da música electrónica se adaptam muito bem ao dinamismo de uma película cinematográfica, tentando chegar assim a uma música cinematográfica capaz de exceder o papel secundário que até agora lhe é atribuído.

É evidente que no Estúdio de Munique se fazem muitas experiências. Por enquanto a música electrónica ainda não encontrou uma expressão de aceitação geral. Nomes de projecção internacional, como por exemplo de Karl-Heinz Stockhausen ainda são raros. Compreende-se que a penetração da técnica nas ideias musicais tradicionais origina frequentemente a mais enérgica reacção.

Qualquer que venha a ser a evolução futura da música electrónica, não será possível ignorá-la. O Estúdio de Música Electrónica em Munique tornou-se, em todo o caso, um ponto de encontro da vanguarda musical internacional: Carl Orff é um conselheiro permanente no estúdio; Karl Amadeus Hartmann, Pierre Boulez e Niccoló Castiglioni são hóspedes frequentes do estúdio. O grande Ernst Krenek que já compôs um Oratório de Pentecostes em música electrónica segue com o maior interesse à experiências em Munique. Aliás o próprio Krenek declarou que se teria de verificar primeiro se a renúncia a elementos formais clássicos bastará para suscitar e manter bem vivo o interesse que até agora se considerava necessário para tornar a música digna de ser ouvida.

Visado pela censura

XIV

A INDIA PORTUGUESA

por Porfírio de Sousa

Continuação do número anterior

O primeiro Vice-Rei da Índia formara a concepção teórica de que o nosso poder no Oriente devia circunscrever-se à posse dos mares por serem as estradas por onde se poderia todo o comércio que Portugal almejava.

Mas a indole do nosso povo não partilhava desse ponto de vista, pois para se assegurar esse colossal e rendoso comércio era imprescindível que se exercesse a nossa soberania efectiva em terra firme, como preconizava o grande Afonso de Albuquerque, e como mais tarde o demonstrou com factos incontrolados.

Só um governo legalmente constituído, com os seus órgãos militares e de Administração, que exercesse a sua autoridade sobre pessoas e bens era susceptível de assegurar e de promover o bem-estar e o progresso dos povos e das terras em que exercesse o seu mandato.

Um Estado Português no Oriente, como mais tarde foi fundado pelo insigne Afonso de Albuquerque, asseguraria a nossa soberania e canalizaria para o Reino essas riquezas infindáveis que, volvidos alguns anos, tornaram Portugal o maior império comercial da Europa.

Depois do desastre de Cabul onde D. Francisco de Almeida perdera o seu único e idolatrado filho, D. Lourenço, o Vice-Rei, indelevelmente ferido no seu coração de pai, transmudou todas as suas actividades num pensamento fixo: vingar a morte do seu ente querido, em requintes de crueldade que atemorizasse todos os inimigos e lhes servisse de dura e pungente lição pelos séculos fora.

Com esse fim mandou construir uma sólida esquadra nos estaleiros de Cochim, sob a sua superior orientação, para atacar os navios de Mirocem e todos os outros que ainda estavam fundeados nas águas do porto de Diu.

Os 18 navios, depois de bem artilhados e abastecidos, receberam uma tripulação de 2.200 homens, escolhidos e bem treinados para o terrível combate que iam travar.

A armada portuguesa levantou ferro a 12 de Dezembro de 1508, sob o Comando do próprio D. Francisco de Almeida, e tomou o rumo de Diu.

No fim daquele mês a esquadra do Vice-Rei entrou no porto de Dabul — que pertencia ao reino de Dakan — e cuja cidade era grande rica e tinha como Comandante militar um capitão mouro, guerreiro e valente.

Logo que a esquadra portu-

guesa entrou nas águas do porto, os canhões dos fortes principiaram a atacá-la com verdadeira fúria.

D. Francisco de Almeida, apesar da forte oposição do inimigo, ordenou o desembarque debaixo de fogo e, em terra, à frente dos seus homens, com o pensamento no filho querido, combateu com tanta valentia e agelidade que o inimigo mais animoso recuava na sua frente.

O terrível combate durou todo o dia e a cidade foi completamente arrasada e devorada pelas chamas.

O Vice-Rei só reembarcou com os seus homens depois de exterminar o último sobrevivente, deixando o solo juncado de cadáveres e encharcado em sangue.

A notícia de tal hecatombe correu célebre por toda a parte e pelos portos que a frota de D. Francisco de Almeida passava não se via viva alma: tal era o medo que se apossou de todas as populações que ficavam próximas das estradas fluviais e marítimas. Ao presentirem a aproximação da armada do Vice-Rei que lá vinha o chefe branco castigar aqueles que lhe tinham morto o filho e imediatamente se punham em desordenada fuga, abandonando as casas e os haveres, e poderavam esconder-se em lugares que reputavam seguros.

Mirocem e o seu protector Meliquiaz depressa tiveram conhecimento do terrível fim de Dabul e que a esquadra do Vice-Rei se dirigia ao seu encontro, em Diu.

O comandante em chefe dos rumes, Mirocem, fiado na superioridade da sua esquadra e na dos seus comparsas e amigos, riu-se do objectivo que D. Francisco de Almeida buscava, e ocoimava de cobardes os defensoras de Dabul.

Os dois chefes, Mirocem e Meliquiaz, nos seus conciliabulos chegavam a chalaciarem da diminuta força do Vice-Rei para tão grande empresa, pois, nos seus íntimos, estavam convencidos que a sorte de D. Francisco de Almeida não devia ser melhor do que a do filho, D. Lourenço de Almeida.

O Comandante dos rumes tinha a certeza no êxito dos seus muitos navios, em relação aos do Vice-Rei, e na forte guarnição de que dispunha, de rumes e turcos, seleccionados e bem preparados para a luta.

A esquadra que defendia Diu era composta de muitos navios, de várias procedências, e só a nau de Meliquiaz tinha uma guarnição de 400 homens.

(Continua no próximo número)

Tribuna Desportiva

TAÇA DA EUROPA

S. L. Benfica, 5 - Real Madrid, 3

A revalidação da Taça da Europa pelo Benfica, está na categoria e na classe dos seus jogadores

O Benfica voltou uma página na história do futebol, impondo-se, de maneira extraordinária, perante o Real Madrid, que, até agora, dava cartas, na Europa.

O interesse que a partida despertou foi enorme, registando o estádio olímpico de Amesterdão uma das suas maiores enchentes, vendo-se entre o público muitos espanhóis e portugueses a apoiar os seus favoritos.

Ambiente ideal para tão importante encontro, que o Benfica tão brilhantemente soube levar à vitória.

As equipas alinharam da seguinte forma:

BENFICA — Costa Pereira; Mário João, Germano e Angelo; Cavém e Cruz; José Augusto, Eusébio, Águas, Coluna e Simões.

REAL MADRID — Arakustain; Casado, Santamaria e Miera; Felo e Pachin; Tejado, Del Sol, Di Stefano, Puskas e Gento.

O primeiro lance de perigo registou-se a favor dos espanhóis, quando Puskas teve um golpe de cabeça que saiu ao lado, com a defesa do Benfica surpreendida, o Benfica reagiu e ganhou o primeiro «canto» do encontro que nada resultou, pois o nervosismo fazia sentir nas duas equipas.

Com efeito, aqueles dois

golos iniciais do Real Madrid, foram um balde de água fria nos homens do Benfica, mas incitados pelos seus simpatizantes reagiram e conseguiram empatar com golos de Águas e Cavém, era o princípio da recuperação benfiquista, mesmo assim e contra a corrente do jogo o Real conseguiu o 3.º golo por Puskas, acabando a primeira parte com o resultado em 3-2, a favor dos espanhóis.

Na segunda parte, o Benfica manifestou, de entrada uma vontade unânime e o individualismo dos seus elementos fundiu-se num jogo de equipa de primeira ordem. Costa Pereira, um pouco incomodado pela luz na primeira parte recompôs-se, mais tarde. O trio defensivo, Germano, Angelo e Mário João, só pecaram no segundo golo do Real (um autêntico brinde).

Quanto aos médios Cruz e Cavém foram incansáveis. Cavém, que não largava Di Stefano, encontrou-se em boa posição para estabelecer a igualdade, quando os espanhóis ganhavam por 2-1. A linha avançada foi brilhante e o elemento mais destacado foi o jovem Simões, um rapaz de 18 anos, destemido e de excelente nível técnico, José Augusto, à direita, mostrou-se menos insistente, mas as suas acções, sobretudo na

segunda parte, revestiram, sempre, um grande perigo para o adversário. Águas, ao centro, impôs a sua personalidade, travando luta cerrada com Santamaria, sendo o autor do primeiro golo português, depois de um tiro de Simões, que a trave devolveu.

Falta falar nos dois interiores, Eusébio e Coluna, que demonstraram o poder dos seus «tiros». Essa demonstração teve o mérito de efectuá-lo no momento oportuno, no instante crucial do encontro.

Coluna, aos 51 minutos, com um « tiro » magistral, lançado de uma distância de 35 metros, estabeleceu a igualdade em 3-3.

Eusébio por sua vez, assegurou em menos de cinco minutos, a vitória dos portugueses.

Aos 63 minutos, rasteirado por Miera, Eusébio, fez justiça por seus pés, transformando o «penalty» que se seguiu à falta e, minutos mais tarde, aos 68 minutos, num livre indirecto deixou o guarda-redes espanhol sem reacção, tão forte e súbito foi o disparo.

Em suma, o êxito do Benfica confirma a sua ascensão ao primeiro plano do futebol mundial.

No final do desafio, os adeptos benfiquistas, deram largas ao seu contentamento

ivadindo o estádio, e correndo sobre os jogadores arrancaram-lhe as camisolas, como recordação da brilhante final, Eusébio, aos ombros dos entusiastas e Águas com a taça nas mãos, choravam de alegria.

Os portugueses, qualquer que seja a sua cor clubista, viveram quarta-feira, algumas horas grandes de fervor patriótico com a vitória do Benfica. Cidades e aldeias, ao perto e ao longe, aonde chegassem as imagens da Tele-

visão ou as palavras da Rádio, estavam presas ao acontecimento. Era uma bandeira que se erguia lá longe, a milhares de quilómetros.

Sim, diga-se que não é só o futebol português que está em festa; Portugal já está maior e mais alto, que à dedicação às cores do grande clube junta-se o calor de uma autêntica vitória nacional.

VIVA PORTUGAL!
VIVA O BENFICA

CICLISMO

No passado dia 29 de Abril realizou-se a primeira prova do Campeonato distrital de ciclismo da F. N. A. T., para apuramento da equipa que se fará representar no nacional da modalidade, que se realiza já no próximo dia 20.

Estavam presentes as equipas do C. A. T. de Amares e de Guimarães.

A de Amares que se apresentou com 6 corredores, era considerada favorita, o que se veio a confirmar pela classificação obtida.

Eram 9,10 quando foi dada a partida, mostrando desde logo os corredores vontade de medirem forças talvez para verem a que ponto chegariam os rapazes de Guima-

rães, mas como nenhuma reacção foi feita por parte deles, limitaram-se a correr a uma média baixa nos primeiros 25 quilómetros, só então por iniciativa de dois corredores de Amares que espermentaram uma fortes esticão e como nenhum outro foi à roda deles conseguiram um avanço considerável, que lhes deu a vitória final de 7 pontos contra 16.

A ordem da chegada foi a seguinte:

- 1.º - Fernandes - Amares
- 2.º - Bicho - Amares
- 3.º - Ferreirinha - Guimarães
- 4.º - Antero - Amares
- 5.º - Pantera
- 6.º - Costa - Guimarães
- 7.º - Fernando - Guimarães

PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

Prosigue el Testamento

D. Sebastião» se fez referência a este estado de alma de um Povo que então dera na superstição e no augúrio. Deve acrescentar-se aqui que o Marquês, gerado e criado nas procedências dessa atmosfera apesar da sua famosa robustez física e arcaboço moral, foi ao mesmo tempo um exímio cultor de horóscopos, porque alguns existem de sua autoria no cartório de Castro.

Para terminar:

Entre as disposições testamentárias de Montebelo justo é destacar a da doação da relíquia das Onze Mil Virgens, contida na cabeça de prata obscurecida pela antiguidade incalculável e cuja história e proveniência aí reproduz.

Vi esse relicário nas mãos do falecido e saudoso Abade de Carrazedo que me afiançou ser frequentemente pedido por pessoas devotas. Não está, portanto, em lugar conveniente e seguro como dispôs o seu testador; e, se felizmente não se perdeu neste par de séculos que já conta em Carrazedo, será porque a vantagem dos abades vitalícios e a vigilância dos senhores de Castro assim o permitiram.

Promova-se, antes que se verifique a perda irreparável de tão valioso e histórico objecto, a sua arrecadação ou colocação no altar de Santa Margarida, em cofre seguro onde se não perca de vista.

Outro aspecto da questão ainda é que, quando algum dia se pensar em prestar homenagem à memória dos antigos senhores de Entre-Homem e Cavado, e isto foi uma realidade histórica que durou séculos, e se ofereça a oportunidade de lembrar, gravando pelo menos num cunhal de rua ou praça do concelho os nomes dos mais meritórios donatários que dele foram, esteja em primeiro lugar o do Mar-

quês de Montebelo, figura aliás bem avantajada nas letras, mas que acima de tudo tão enternecidamente amou a sua terra e sofreu pela sua pátria.

FIM

* * *

Nobiliarquia Regional

A casa de Castro é, sem dúvida, a primeira casa nobre da região. Deu-se-lhe a devida importância, embora longe de esgotar-se o muito que ainda poderia referir-se, e se contém no seu volumoso e rico cartório.

Depois é a da Tapada, daquela primeira derivada por via feminina, em Dona Briolanja Machado, mulher do seu fundador, o egrégio poeta Sá de Miranda.

Acostada esta nos Azevedos, ambas senhorearam as largas terras compreendidas entre o Homem e o Cavado, além de S. João de Rei, na margem esquerda deste rio.

É um ponto digno de consideração, para quem alcança o curso da História nas vicissitudes do tempo, como estas terras vieram, com intervalo de alguns séculos, cair na posse de descendentes de uns seus remotos povoadores e defensores.

Antigas terras de Cabreira e Ribeira, aí pelo governo de Fernando Magno, quando as hostes cristãs se fortificavam pelas alturas montanhosas, de Lanhoso (Lagenoso da natureza rochosa do dentilhão sobre que se ergueu o seu histórico castelo) moviam contra a mourama as suas ferozes investidas os aguerridos condes de Cabreira e Ribeira de que provieram os Monizes. Destes, por D. Maria Moniz, e sem a segura certeza de ramo varonil, saíram os Machados, senhores de Entre-Homem e Cavado, a partir do século XIV.

É igualmente sabido por tradição que o célebre D. Arnaldo de

(CONTINUA)